

## OPERADORES ARGUMENTATIVOS E RELAÇÕES DE SENTIDO NO GÊNERO REPORTAGEM

José Ronaldo Ribeiro da Silva<sup>1</sup>

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto, compreendido como uma espécie de jogo entre os interlocutores, produz sentidos através de mecanismos próprios para este fim. Um destes recursos são os operadores argumentativos. Um texto semanticamente bem elaborado exige, por parte do usuário da língua, uma seleção adequada de elementos argumentativos a partir do repertório de que se dispõe. A linguagem publicitária, devido a sua riqueza sintático-semântica, pode se constituir em profícua fonte para análises linguísticas com os mais diversos objetivos. Com base na Semântica Argumentativa de Ducrot (1981) e contribuições da Linguística Textual de Koch (2002, 2006) examinamos ocorrências de operadores argumentativos em duas reportagens da Revista Veja, analisando o contexto linguístico-textual e os efeitos de sentido expressos. A descrição dos operadores argumentativos e as relações de sentido estabelecidas demonstram a riqueza de nuances linguísticas alcançadas através de seus usos e a possibilidade de classificações semânticas ainda não elaboradas por outros trabalhos.

**Palavras-chave:** Operadores Argumentativos. Efeitos de Sentido. Semântica Argumentativa.

**Abstract:** The text, understood as a kind of game shared by the interlocutors, produces senses through its own mechanisms suitable for this purpose. One of these features is represented by the argumentative operators. A semantically well-written text requires, from the language user, a proper selection of argumentative elements from the available linguistic repertoire. The advertising language, due to its syntactic-semantic richness, may constitute a fruitful source for linguistic analyzes with different objectives. Based on the Argumentative Semantics of Ducrot (1981) and contributions of the Textual Linguistics of Koch (2002, 2006) we examined occurrences of argumentative operators in two reports of *Revista Veja* (Magazine *Veja*), analyzing the linguistic-textual context and the effects of sense expressed. The description of argumentative operators and the effects of sense established by them demonstrate the wealth of linguistic nuances achieved through their use and the possibility of semantic classifications still not suggested by other researches.

**Keywords:** Argumentative Operators. Effects of meanings. Argumentative Semantics.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros/RN - Brasil. E-mail: ronaldrsjr@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros/RN - Brasil. E-mail: socorro.maia@uern.br.

## **Introdução**

A enunciação, em qualquer modalidade de ocorrência, é perpassada pela argumentação. Esta, por sua vez, se constrói no entrelaçamento de ideias presentes no enunciado, e é elaborada por elementos específicos para este fim. Estes elementos, responsáveis por estabelecer relações de sentido, foram cunhados por Ducrot (1972) como operadores argumentativos. Nesta perspectiva, a linguagem pode ser caracterizada como processo dialógico-social, uma vez que envolve o intercâmbio contínuo de sentidos.

Toda a cadeia comunicativa, desta forma, depende do repertório linguístico dos usuários a fim de estabelecerem seus pontos de vista, seus valores e suas ideologias. O papel dos operadores argumentativos é exatamente possibilitar a organização enunciativa para que os fins do ato comunicativo sejam plenamente atingidos. Assim, toda a articulação entre língua, ideologia e o social dependem de mecanismos linguísticos que possam expressar adequadamente os conceitos que se pretende atingir.

Os operadores argumentativos pertencem à gramática da língua, veiculam e direcionam variados sentidos, porém são tratados pela tradição gramatical, em alguns casos, como elementos periféricos. Advérbios, conjunções e locuções conjuntivas, além das chamadas palavras expletivas, ou denotativas. Koch (2000) aponta para a força argumentativa de tais palavras, a despeito da relativa desconsideração que recebem da tradição.

Neste trabalho, com base nos estudos de Ducrot (1981) e Koch (1984, 2002, 2006) analisamos duas reportagens da revista *Veja* com o objetivo de descrevermos as relações de sentido expressas pelos operadores argumentativos presentes nos textos. Começamos por buscar uma definição e descrição das funções dos operadores; fundamentamos teoricamente o estudo e descrevemos os materiais e métodos adotados; em seguida, analisamos por meio de classificações, descrições e interpretações, os múltiplos sentidos expressos pelos operadores.

### **Definição e função dos operadores argumentativos**

Grosso modo, podem-se definir os operadores argumentativos (O.A.) como elementos linguísticos responsáveis por indicar ou estabelecer a argumentatividade dos enunciados. Além das chamadas “palavras denotativas” ou “expletivas”, podem funcionar como O.A. alguns advérbios e conjunções. O objetivo deste estudo é demonstrar a importância linguística destas expressões, discursiva e historicamente subvalorizadas ou incompreendidas pela tradição gramatical.

No que se refere especificamente às palavras ou expressões denotativas, sintaticamente possuem um comportamento parecido com os advérbios. A Nomenclatura Gramática Brasileira, entretanto, as considera “expletivas”, o que significa “sem função”. Morfologicamente são invariáveis e, em muitos casos, são formados por palavras

emprestadas de outras classes. Semanticamente, possuem grande importância, como apontado por inúmeros autores como Ducrot (1981) e Koch (2002, 2006). Por isso, seu uso consagrado pela maioria dos gramáticos enquanto “palavras e expressões denotativas”, uma vez que estão intimamente relacionadas com as relações de sentido e este é exatamente o critério utilizado para sua classificação ou, ao menos, para sua compreensão.

Suas funções básicas são assegurar a argumentatividade textual, ligando termos, orações ou períodos completos. Sem a presença de tais termos ou a partir de seu uso inadequado, a argumentação textual perde força, pois suas engrenagens se encontram travadas. Segundo Carone (1993, p. 77),

O sistema linguístico põe à disposição do falante, diferentes arranjos sintáticos para a expressão de relações semânticas, lógicas e argumentativas. Por mais requintado e complexo que seja seu pensamento, ele deverá procurar, no repertório de sua língua, os mecanismos sintáticos que lhe permitem exprimi-lo.

Dentre as principais funções exercidas pelos operadores argumentativos, destacamos: adição (ainda, além disso), afastamento (embora), afetividade (ainda bem, felizmente, infelizmente)<sup>3</sup>, retificação (aliás, ou melhor, isto é), realce (é que, não, mas, é porque), aproximação (quase, por volta de, lá por), designação (eis, veja só), exclusão (salvo, exceto, apenas, sequer), limitação (só, somente, unicamente), inclusão (além disso, também, inclusive, até), explicação (a saber, isto é, por exemplo), situação (então, agora, afinal).

Pode-se observar que vários operadores flutuam entre as classificações possíveis. Isto se dá pela fluidez do sentido, ou seja, os contextos e os usos variam de acordo com as necessidades argumentativas da língua. As funções também não se esgotam nos exemplos dados. Existem muitas outras, que poderão ser reveladas por meio de estudos meticolosos de textos e discursos originais, ou seja, porções de línguas de textos autênticos, não superficiais. Pretendemos que este estudo propicie reflexões acerca do fenômeno pesquisado, pois busca expandir as explicações para além das classificações já consagradas, pela demonstração da riqueza de nuances linguísticas expressas através de tais mecanismos.

O embasamento teórico deste estudo é o trabalho de Koch (2002, 2006) e Ducrot (1972, 1981). Ducrot (1972) é considerado o primeiro teórico a cunhar o termo “operadores argumentativos”. Segundo o autor, tais elementos servem para expressar a força argumentativa dos enunciados de uma língua. Ele elabora sua teoria com a criação de dois conceitos-chave: o de classe argumentativa e o de escala argumentativa. Classe argumentativa se refere à ocorrência de enunciados argumentativos de peso igual que concorrem para uma mesma conclusão. Já o conceito de escala argumentativa refere-se à existência de enunciados de pesos argumentativos diferentes, como uma escala de força, direcionando a uma mesma conclusão.

---

<sup>3</sup>Neste caso, a palavra ou expressão indica um posicionamento axiológico do enunciador, modificando ou comentando a oração inteira.

Koch (2002) aponta para o tratamento periférico que a Gramática Tradicional confere aos operadores argumentativos, considerando-os como não pertencentes a nenhuma das dez classes tradicionais. A NGB se posiciona acerca de tais palavras e expressões definindo-as como: “expressões de realce”, “palavras expletivas”, “palavras e expressões denotativas” ou “palavras sem classificação definida”. Entretanto, para a Linguística Textual e, mais especificamente, para a Semântica Argumentativa, estes termos são considerados como “conectores argumentativos” e sua função principal é a criação de relações de sentidos específicos, levando-se em conta o seu contexto de uso (Maingueneau, 1996).

Seguindo a classificação proposta por Koch (2006, p.31-39), podemos destacar os seguintes grupos de operadores argumentativos:

1. Operadores argumentativos que assinalam o argumento mais forte (considerando-se uma escala de argumentos) e que direcionam o sentido para conclusão: (*até, mesmo, inclusive, até mesmo*);
2. Operadores argumentativos que somam argumentos a fim de chegar a uma mesma conclusão: (*também, ainda, não só... mas também, nem (=e não), além de..., além disso..., a par de, e ..., etc.*)
3. Operadores argumentativos introdutórios de uma conclusão referente a um argumento já apresentado: (*portanto, por conseguinte logo, pois, desta forma, destarte, etc.*);
4. Operadores argumentativos introduzidores de argumentos alternativos que podem levar a conclusões opostas ou diferentes: (*ou, ou então, seja... seja, quer... quer etc.*);
5. Operadores argumentativos comparadores, que visam uma dada conclusão: (*mais que, menos que, tão... como, tanto quanto, etc.*);
6. Operadores argumentativos introdutórios de justificativas ou explicações de enunciados (*pois, porque, já que, etc.*);
7. Operadores argumentativos que estabelecem uma contraposição de argumentos orientados para conclusões opostas: *mas (porém, entretanto, contudo, no entanto, etc.), embora (apesar (de que), ainda que, posto que, etc.)*;
8. Operadores argumentativos introdutórios de conteúdos pressupostos: (*já, agora, ainda, etc.*).

## **Materiais e métodos**

A pesquisa precisou seguir alguns passos para seu desenvolvimento. Primeiramente, houve um levantamento e a subsequente seleção dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa (dois textos do gênero reportagem). Em seguida, elaboramos um levantamento dos operadores argumentativos nos textos coletados, figurando-os em quadros demonstrativos de frequências considerando o contexto linguístico imediato, ou seja, a sentença ou o período, quando necessário.

Ao lado da análise de frequências (dados quantitativos), elaboramos uma análise descritivo-interpretativa dos operadores argumentativos (dados qualitativos). Esta fase da análise se justifica pela busca de conhecimento sobre as relações de sentido estabelecidas pelos operadores, ou seja, pelas marcas discursivas de persuasão, argumentação, etc.

O *corpus* utilizado neste trabalho é composto de três reportagens coletadas do acervo digital da Revista Veja. A utilização de porções de língua coletadas deste meio publicitário se justifica devido ao seu grande alcance junto ao público leitor brasileiro. Sem pretender adentrar em questões discursivo-ideológicas, fora do escopo deste estudo, compreendemos a importância da referida revista no contexto sociocultural do nosso país, concebida como modelo de uso da modalidade formal da língua portuguesa. É, desta forma, uma profícua fonte de dados para quem se interessa por questões de análises linguísticas.

A exclusividade da fonte também é justificável pelo ponto de vista da unicidade discursiva. Certamente outras revistas do mesmo gênero podem fornecer dados importantes sobre a língua, porém, por opção metodológica, preferimos homogeneizar o enunciador<sup>4</sup> para asseverarmos a possibilidade de maior rigor quanto à coleta e análise dos dados.

O estudo propõe uma análise dos operadores argumentativos segundo uma visão quali-quantitativa, de acordo com conceitos de autores como Koch (2002, 2006), que se posiciona desta forma sobre nosso objeto de estudo:

É importante salientar que se trata, em alguns casos, de morfemas que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais-**conectivos**, como **mas**, **porém**, **embora**, **já que**, **pois** etc. e, em outros, justamente de vocábulos que, segundo a N.G.B., *não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais* [Grifo nosso]. (KOCH, 2002, p.103).

## **Análise e discussão dos dados**

Os textos coletados seguem abaixo. São duas reportagens de diferentes momentos históricos da Revista Veja. A primeira reportagem “O trágico e humano sentido da morte”<sup>5</sup> data de 1968, primeira edição da revista; a segunda reportagem “Da Noruega para a África e outros desastres da Petrobrás”<sup>6</sup> data de 2015.

Os textos foram divididos em períodos, enumerados e as ocorrências dos operadores argumentativos (O.A.) foram destacadas no quadro abaixo. No quadro constam o número da linha, o operador argumentativo e o efeito de sentido que ele encerra, dentro do contexto analisado. A diferença temporal entre as duas reportagens pode ser um elemento significativo na análise. A diferença entre as duas edições é de quase meio século (47 anos),

<sup>4</sup>Neste caso, ainda que as reportagens sejam escritas por diferentes autores, entendemos a unicidade do enunciador (Veja), assumindo a ideia de que o referido meio publicitário possui uma linha de pensamento própria ou uma posição axiológica definida como “[...] uma atitude ativamente responsável que eu próprio assumo – uma atitude emocional-volitiva em direção a um estado de coisas em sua inteireza, no contexto na vida real unitária e única”. (BAKHTIN, 1993 [1920-4], p. 54-55.

<sup>5</sup>Para fins didáticos, chamamos este texto de R1;

<sup>6</sup>Para fins didáticos, chamaremos este texto de R2.

período que pode ter desencadeado mudanças importantes nas formas e nos usos. As relações de sentido nesta classificação estão de acordo com as propostas por Koch (1984, 2006) aliadas a sugestões próprias que consideramos coerentes, dada a riqueza de sentidos expressos pelos O.A. Para separar as unidades de análise que ocorrem sequencialmente (sem separação marcada na sentença por algum sinal linguístico, como uma vírgula, um ponto ou outros vocábulos intermediários) utilizamos uma barra ( / ).

**Tabela 1** – Operadores argumentativos e relações de sentido em R1.

<b>Contexto de ocorrência do O.A.</b>	<b>Relação de sentido estabelecida</b>
“ <b>Nunca</b> supus que isso a que chamam morte tivesse qualquer espécie de sentido.”	Tempo/negação
No último dia 2, <b>pouco antes</b> da meia-noite, a morte do suicida Aggeu Alves, promotor em São Vicente, São Paulo...	Tempo (delimitação temporal)
E para a equipe de 57 médicos, 26 enfermeiras e dezenas de atendentes, a morte de Aggeu significava <b>também</b> o início de uma das maiores operações de transplante <b>já</b> realizadas em <b>todo</b> o mundo.	Adição, adição, adição, pressuposto, afirmação plena
<b>Quando</b> chegou ao Centro Cirúrgico do Hospital das Clínicas...	Tempo (especificação temporal <sup>7</sup> )
Respirava <b>mal</b> , <b>embora</b> tivesse o pulso <b>e</b> a pressão normais.	Modo, concessão, adição
O médico de plantão que o atende, percebe <b>logo</b> que ele tem poucas possibilidades de vida.	Tempo
O tiro, por êle mesmo disparado, entrou <b>pelo</b> lado direito da cabeça, abrindo um grande orifício <b>junto à</b> têmpora.	Lugar, lugar
A bala saiu <b>do outro lado</b> , <b>mais</b> no alto.	Lugar, precisão espacial
Para facilitar sua respiração, uma sonda é introduzida em sua boca <b>até</b> a traqueia.	Alcance
Para compensar a perda de sangue, parte dêle é repostado <b>através de</b> uma veia.	Meio
<b>Pouco depois</b> do meio-dia, o chefe do Pronto Socorro telefona...	Tempo (delimitação temporal)
Zerbini chega ao hospital <b>e</b> examina o paciente.	Adição
O tipo de sangue é favorável. <b>Mas</b> é preciso obter a autorização da esposa de Aggeu Alves para o transplante.	Adversidade.
O Dr. Zerbini, <b>meio</b> encabulado: “Sabe, eu não tenho muito jeito para êsse negócio, <b>não</b> .”	Intensidade, realce
...o homem cuja morte pode salvar quatro pessoas, <b>já</b> preparadas para a cirurgia <b>em</b> salas vizinhas.	Tempo (antecipação), lugar
Aggeu <b>não</b> tem <b>mais</b> <sup>8</sup> reflexos, sinal de que algumas partes do cérebro <b>já</b> deixaram de funcionar.	Negação, tempo, tempo (mudança de estado).

<sup>7</sup>Momento específico da ocorrência de um evento na linha do tempo.

<sup>8</sup>A expressão “**não mais**” geralmente vem intercalada com um verbo, como no exemplo “Não tem mais reflexos... Classificamos tal expressão separadamente: **Não** indica negação e **mais**, indica tempo. Entretanto, caso apareça sem intercalação, é coerente classifica-la como ocorre com a palavra “**nunca**”, que pode conter os dois sentidos (negação e tempo,

<b>Mas</b> continua recebendo sôro <sup>9</sup> sangue e <sup>10</sup> seus pulmões funcionam artificialmente...	Adversidade, adição, adição.
Confirma-se: é um bom doador. <b>Mas</b> é preciso mantê-lo vivo.	Adversidade
Ele recebeu 2 litros de sangue e continua sangrando muito pela cabeça.	Adição
<b>Não</b> há como estancar a hemorragia.	Negação
Dois neurocirurgiões tentam <b>por</b> todos os meios, <b>não</b> conseguem.	Meio, negação
<b>Já</b> há algum tempo as equipes de transplante estão sendo chamadas...	Tempo
Os médicos <b>não</b> acreditam <b>mais</b> <sup>11</sup> que Aggeu Alves possa viver.	Negação, tempo (mudança de estado)
Quando alguma linha <b>não</b> apresenta nenhuma sinuosidade, indica que a parte do cérebro a que ela corresponde deixou de funcionar.	Negação
Que dúvidas <b>ainda</b> <sup>12</sup> poderiam existir sobre a morte total?	Tempo (excesso temporal)
Uma espécie de flash é aceso várias vezes <b>à frente</b> de seus olhos.	Lugar (posicionamento).
Um aparelho que emite sons muito graves e muito agudos é ligado <b>junto a</b> seus ouvidos...	Adição, lugar
Aggeu Alves está morto. <b>Mas</b> seu coração ainda bate.	Adversidade.
O corpo do doador é desligado da respiração artificial <b>durante</b> cinco minutos e/não volta a respirar... São <b>quase</b> dezoito horas...	Duração, adversidade, negação. Afirmiação da totalidade
<b>De repente</b> o diretor administrativo do Hospital ordena que o transplante seja interrompido...	Tempo
...o corpo do promotor está <b>outra vez</b> recebendo respiração artificial.	Tempo (reiteração)
<b>Mais um pouco</b> de demora e <sup>13</sup> / <b>todo</b> o trabalho feito para o transplante estará perdido.	Condição, afirmação plena

simultaneamente). É possível hipotetizar a relação de sentido de “**mudança de estado ou cessação de um estado**”.

<sup>9</sup>Processo de coordenação entre dois termos equivalentes dentro da mesma oração (coordenação entre os substantivos **sôro** e **sangue**).

<sup>10</sup>Processo de coordenação entre dois termos equivalentes dentro do mesmo período (coordenação entre as orações “**Mas continua recebendo sôro e sangue**” e “**seus pulmões funcionam artificialmente...**”.

<sup>11</sup>A repetição do padrão de intercalação de um verbo na expressão “**não mais**”.

<sup>12</sup>No exemplo analisado, embora a relação de sentido encerre a ideia de tempo, existe também uma nuance adicional de “persistência do processo” no decorrer da situação. Não se tratam de duas relações de sentido, mas da ideia de tempo acrescida de uma nuance específica. Outras nuances possíveis dentro do conceito de tempo podem ser a **cessação** (Os médicos **não** acreditam **mais** que Aggeu Alves possa viver.) e **antecipação** (...o homem cuja morte pode salvar quatro pessoas, **já** preparadas para a cirurgia em salas vizinhas.), etc.

<sup>13</sup>Consideramos a expressão “**mais um pouco e**” como um bloco semântico único, indicador de condição. Esta classificação pode ser defendida pela substituição da expressão por uma expressão ou palavra condicional equivalente como: “**Caso** demorasse mais um pouco...” ou “**Se** demorasse mais um pouco...”.

“Aggeu Alves <b>já</b> morreu, meu senhor. <b>Mas/ mesmo assim/ainda</b> pode contribuir para salvar as vidas de quatro pessoas”.	Tempo (mudança de estado), Adversidade, concessão, tempo (excesso temporal).
O problema <b>ainda não</b> <sup>14</sup> foi resolvido, <b>mas</b> o coração <b>ainda</b> bate.	Tempo/negação (excesso), adversidade, tempo (excesso temporal)
...a diferença é <b>quase</b> nenhuma.	Afirmação da totalidade

Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

O quadro a seguir contém a análise de R2:

**Tabela 2 – Operadores argumentativos e relações de sentido em R2.**

<b>Contexto de ocorrência do O.A.</b>	<b>Relação de sentido estabelecida</b>
...um partido de linhagem estatista <b>e</b> , <b>assim</b> , avesso à privatização, o PT, comandou ações desastrosas na nossa <b>mais</b> admirada estatal, a Petrobrás. São cinco <b>pelo menos</b> <sup>15</sup> os desastres.	Adição, conclusão, comparação (superioridade)
Primeiro <sup>16</sup> , o uso da Petrobrás para financiar campanhas eleitorais, <b>mediante</b> criminosa e sofisticada rede de captação de fundos <b>via</b> superfaturamento de bens e serviços à empresa.	Aproximação Meio, adição, meio, adição
Saiu o regime de concessão, típico de países de instituições fortes <b>como</b> Estados Unidos, Reino Unido e Noruega.	Exemplificação, adição
No regime de concessão, confia-se nas regras do jogo e se fazem negócios <b>como</b> em qualquer atividade.	Adição, conformidade
...a totalidade no caso da cessão onerosa <b>e/pelo menos</b> 30% no de partilha.	Adição, aproximação
Terceiro <sup>17</sup> , o controle de preços dos combustíveis, que eram vendidos nos mercados internos <b>abaixo dos</b> <sup>18</sup> custos de importação.	Lugar (estratificação)
Abandonou-se a fórmula <b>pela qual</b> os preços internos eram ajustados de forma transparente e previsível, <b>com base</b> nos seus valores no Golfo do México e na variação da taxa de câmbio.	Meio, conformidade, adição

<sup>14</sup>A expressão “**ainda não**”, apesar de composta por unidades morfológicamente separáveis (**ainda**, **não**), cada qual com suas relações de sentido próprias, não podem se separar sintaticamente. Semanticamente, as duas relações expressas (**tempo** e **negação**) representam um **excesso** ou uma persistência da negação ao longo do tempo, de forma que os dois sentidos estão sincronizados.

<sup>15</sup>Expressões como “**pelo menos**”, “**ao menos**”, “**no mínimo**” indicam a possibilidade de argumentos ainda mais fortes, direcionando a argumentação a uma conclusão.

<sup>16</sup>Expressões deste tipo: “**primeiro**”, “**segundo**”, “**depois**”, “**por fim**”, etc. são denominados de operadores de sequencialização e possuem como funções básicas: a) expressar a sequencialidade temporal dos eventos tratados no texto; b) expressar a sequencialidade textual, ou seja, a ordem dos assuntos dentro da organização do texto em si. Enquanto a primeira função é organizadora da sequência temporal extratextual, a segunda é organizadora da sequência argumentativa intratextual. No exemplo em questão, ocorre um operador de sequencialização textual.

<sup>17</sup>Exemplo de operador de sequencialização textual.

<sup>18</sup>Contração da expressão “abaixo de” + o artigo masculino plural “os”.



Quarto <sup>19</sup> , negócios superfaturados e sem justificativa empresarial, de que são destaques a refinaria de Pasadena e a de Abreu e Lima, cuja construção foi decidida por Lula <b>com base</b> em critérios políticos. Escassos de justificativa técnica e plenos de custos excessivos, tais investimentos <b>difícilmente</b> <sup>20</sup> trarão resultados semelhantes a outros da empresa – a rigor, caberia ajustá-los à rentabilidade média, com a correspondente redução do patrimônio líquido.	Adição, adição, conformidade
Quinto <sup>21</sup> , e em consequência dos demais, o valor de mercado da Petrobrás caiu <b>cerca de 80%</b> nos últimos seis anos.	Adição, dúvida
Os investidores estrangeiros, que interpretam a perda <b>como</b> efeito da corrupção, moveram ações coletivas contra a empresa na justiça Federal americana. <b>Além disso</b> , existem investigações de natureza criminal e administrativa nos Estados Unidos. Acrescente-se a humilhação de os balanços da Petrobrás <b>não</b> terem sido auditados por auditores externos, o que pode acarretar novos problemas à <b>frente</b> .	Aproximação
...(algo difícil para um governo que <b>não</b> reconhece erros).	Causa
A Petrobrás precisa deixar de ser a operadora única e de controlar <b>pelo menos</b> 30% dos campos. É necessário criar <b>e/ou</b> <sup>22</sup> fortalecer órgãos internos típicos de companhias abertas e canal interno para denúncias.	Adição, adição
	Negação, tempo (posicionamento)
	Negação
	Adição, aproximação

Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Segundo a análise realizada, podemos expressar que, em R1, as relações de sentido mais recorrentes são as de **tempo**, de **adição**, de **negação**, **afirmação**, de **lugar** e **meio** e que estas relações de sentido são direcionadas através de diferentes classes de palavras ou expressões como advérbios e conjunções. A preponderância da categoria tempo é indicativa de um texto que necessita resgatar eventos, como ocorre em narrativas. De fato, este texto narra um acontecimento de suicídio e posterior doação de órgãos do falecido. Observamos que mesmo quando se considera uma classificação dentro da categoria tempo, esta pode variar, revelando diferentes aspectos (delimitação, especificação, antecipação, mudança de estado e excesso). Estas nuances são sugestões que consideramos válidas pois revelam as especialidades dos sentidos em contextos linguísticos muito específicos.

Em R2, a relação de sentido mais direcionada pelos operadores argumentativos é a **adição**. Uma possível explicação para este fato pode ser a necessidade de somar argumentos para expressar seu ponto de vista acerca do assunto. De fato, esta reportagem

<sup>19</sup>Exemplo de operador de sequencialização textual.

<sup>20</sup>No exemplo em questão, pode-se dizer que o advérbio tem a função de expressar um ponto de vista ou uma opinião do enunciador, referindo-se a todo o conteúdo do período. Neste tipo de ocorrência, exerce a função sintática de modificador frasal.

<sup>21</sup>Exemplo de operador de sequencialização textual.

<sup>22</sup>Este tipo de recurso “**e/ou**” ocorre quando o enunciador pretende expressar a ocorrência de uma adição ou de uma alternância de ideias. As duas possibilidades podem ocorrer, porém de forma excludente.

elencar vários fatores e acontecimentos sobre os escândalos que envolvem a estatal Petrobrás. Outra característica marcante de R2 é o uso de operadores de sequencialização textual (primeiro, segundo... quinto) para organizar a argumentação textual por partes. É importante ressaltar que estas palavras organizam a estrutura textual interna, não guardando relação com eventos extralinguísticos. Outras relações de sentido expressas em R2 são **meio**, **lugar**, **conformidade**, etc.

As ocorrências das expressões “**pelo menos**” e “**cerca de**” foram classificadas como **aproximação** de um valor ou grandeza. Demonstram a incerteza do enunciador quanto à precisão dos dados que quer expressar. Estes operadores direcionam a argumentação para uma conclusão, estabelecendo a possibilidade de um argumento ainda mais forte. Um aspecto importante a ser ressaltado é a ocorrência de “**à frente**” referindo-se a tempo: “Acrescente-se a humilhação de os balanços da Petrobrás não terem sido auditados por auditores externos, o que pode acarretar novos problemas *à frente*.” Se comparado à ocorrência da mesma expressão em R1: “Uma espécie de flash é aceso várias vezes *à frente* de seus olhos.”, vê-se claramente que a mesma expressão pode ser usada em relações de sentido temporais e espaciais.

O que podemos observar é que os sentidos variam de acordo com os objetivos dos enunciados e cada texto seleciona os mecanismos próprios de argumentação para servirem a suas finalidades como ocorreu em R1 (prevalência do sentido temporal) e R2 (prevalência do sentido adicional). As demais relações de sentido parecem possuir uma ocorrência menos atrelada, apesar de que podemos encontrar operadores exclusivos em R1 e em R2.

### **Considerações finais**

As relações de sentido expressas por meio dos operadores argumentativos são variadas e servem para os mais diversos objetivos comunicacionais, a depender do tipo de engajamento que o texto pede a seu leitor. Apesar de observarmos uma pulverização de sentidos nos dois textos analisados, está explícita a preponderância de certos aspectos que interpretamos como atrelados a características textuais específicas.

Neste sentido é que podemos dizer que enquanto em R1, predomina um aspecto temporal, em R2 predomina um aspecto de adição. Enquanto R1 procura direcionar o leitor para um tempo de uma narrativa, R2 sugere que vários argumentos precisam se somar para que se atinjam os sentidos pretendidos.

Um dado importante a ser observado é a não-homogeneidade de sentidos dentro de uma mesma categoria. Podemos atribuir o sentido de tempo para uma determinada palavra ou expressão, porém há nuances como delimitação, especificação, antecipação, mudança de estado e excesso que precisam ser ressaltadas. O mesmo acontece com o sentido de lugar que pode expressar um posicionamento ou posição específica.

Por fim, entendemos que a pesquisa sobre a riqueza de relações de sentidos expressos pelos operadores argumentativos pode revelar aspectos ainda não abordados. Portanto, se faz necessário que novos estudos sejam empreendidos com o objetivo de lançar luz sobre as nuances sintáticas e, principalmente semânticas destes mecanismos linguísticos da argumentação.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 4.ed. Campinas: Pontes, 2005.

BAKHTIN, M. M. **Para uma Filosofia do Ato**. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza. 1993 [1920-24].

BECHARA, E. **Moderna Gramática portuguesa**. 38. ed. rev. e amp. 19ª reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CARONE, F. B. **Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes**. São Paulo: Ática, 1993.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT, O. **Princípios de Semântica Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1972.

----- **Provar e dizer: linguagem e lógica**. Com colaboração de M. C. Barbault e J. Depresle. Trad. Maria AparecidaBarbosa, Maria Fátima Gonçalves Moreira e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1981.

----- **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. G. Villaça (1994). **Lingüística Textual: uma introdução**. 3ª ed. São Paulo: Cortez.

GUIMARÃES, E. (1990). **A articulação do texto**. São Paulo: Ática. (Série Princípios).

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo:

Contexto, 1986.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1999.

----- **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

----- **Desvendando os Segredos do Texto**. 5 .ed. São Paulo: Cortez, 2006.

----- **A Coesão Textual**. 21.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. Trad. Marina Appenzeller. Revisão da trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

*Recebido em: 22/12/2015. Aceito em: 11/07/2016.*

## Anexo 1: Reportagem 1 - O Trágico e Humano Sentido da Morte.

*medicina*

## O TRÁGICO E HUMANO SENTIDO DA MORTE

"Nunca supus que isso a que chamam morte tivesse qualquer espécie de sentido." Para o poeta português Fernando Pessoa, não havia significado algum no fim da vida do amigo que ele chorava com esses versos.

No último dia 2, pouco antes da meia-noite, a morte do suicida Aggeu Alves, promotor em São Vicente, São Paulo, significava esperança de vida para quatro doentes — um do coração, dois do rim e um do pâncreas. E para a equipe de 57 médicos, 26 enfermeiras e dezenas de atendentes, a morte de Aggeu significava também o início de uma das maiores operações de transplante já realizadas em todo o mundo.

**Um paciente comum** — Quando chegou ao Centro Cirúrgico do Hospital das Clínicas de São Paulo, com a cabeça perfurada por uma bala calibre 45, Aggeu Alves era um paciente qualquer. Respirava mal, embora tivesse o pulso e a pressão normais. O médico de plantão que o atende, percebe logo que ele tem poucas possibilidades de vida. O tiro, por ele mesmo disparado, entrou pelo lado direito da cabeça, abrindo um grande orifício junto à têmpora. A bala saiu do outro lado, mais no alto. Para facilitar sua respiração, uma sonda é introduzida em sua boca até a traquéia. Para compensar a perda de sangue, parte dele é repostado através de uma veia. É levantada a hipótese de uma cirurgia cerebral. Um neurocirurgião consultado afasta a possibilidade: "Inútil, é um caso perdido".

**A autorização** — Pouco depois do meio-dia, o chefe do Pronto Socorro telefona para o Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, chefe da equipe de transplantes; avisa que há um possível doador. Zerbini chega ao hospital e examina o paciente. O tipo de sangue é favorável. Mas é preciso obter a autorização da esposa de Aggeu Alves para o transplante.

O chefe do Pronto Socorro, dirigindo-se ao Dr. Zerbini: "Você fala com a mulher?" O Dr. Zerbini, meio encabulado: "Sabe, eu não tenho muito jeito para esse negócio, não. Acho melhor a gente chamar Dona Clarice".

Dona Clarice é a enfermeira-chefe do Hospital das Clínicas. Ela conversa com a mulher do promotor. Na sala do diretor administrativo do Hospital, a autorização é dada por escrito.

**Luta pela vida** — Os médicos continuam lutando pela vida de Aggeu Alves, o homem cuja morte pode salvar quatro pessoas, já preparadas para a cirurgia

em salas vizinhas. Aggeu não tem mais reflexos, sinal de que algumas partes do cérebro já deixaram de funcionar. Mas continua recebendo soro e sangue e seus pulmões funcionam artificialmente, forçados por um pequeno aparelho. O coração bate.

O tempo passa. O corpo de Aggeu Alves é submetido a radiografias do tórax, para verificar o tamanho do coração e a presença de eventuais doenças cardíacas. Confirma-se: é um bom doador. Mas é preciso mantê-lo vivo. Ele recebeu 2 litros de sangue e continua sangrando muito pela cabeça. Não há como estancar a hemorragia. Dois neurocirurgiões tentam por todos os meios, não conseguem. Já há algum tempo as equipes de transplante estão sendo cha-

uma delas mostrando a vida de determinada região do cérebro. Quando alguma linha não apresenta nenhuma sinusidade, indica que a parte do cérebro a que ela corresponde deixou de funcionar.

As oito linhas do cérebro do doador estão retas. O cérebro do promotor está morto.

Que dúvidas ainda poderiam existir sobre a morte total? Uma espécie de flash é aceso várias vezes à frente de seus olhos: nenhuma reação. Um aparelho que emite sons muito graves e muito agudos é ligado junto a seus ouvidos: nenhuma reação. O corpo de Aggeu Alves é espetado com estiletos, beliscado: nenhuma reação. Aggeu Alves está morto. Mas seu coração ainda bate.

O teste final: o corpo do doador é desligado da respiração artificial durante cinco minutos e não volta a respirar naturalmente.

São quase dezoito horas: pode-se começar o transplante.

**Parem o transplante** — De repente o diretor administrativo do Hospital ordena que o transplante seja interrompido: um irmão e uma cunhada de Aggeu Alves se opõem à doação. No Centro Cirúrgico, o corpo do promotor está outra vez recebendo respiração artificial. Mais um pouco de demora e todo o trabalho feito para o transplante estará perdido. O impasse se prolonga. Os próprios médicos decidem descer para conversar com o irmão do doador. O Professor Zerbini usa um argumento dramático: "Aggeu Alves já morreu, meu senhor. Mas mesmo assim ainda pode contribuir para salvar as vidas de quatro pessoas".

**As linhas mortas** — Nove e meia da noite. O eletroencefalograma continua registrando as linhas mortas do cérebro de Aggeu Alves. O problema não foi resolvido, mas o coração ainda bate. O irmão argumenta: "O que vão pensar os outros parentes?" Um médico explica que entre este tipo de operação e a autópsia pela qual o corpo tem de passar normalmente, a diferença é quase nenhuma.

O Doutor Zerbini usa seu último argumento: "Não pense o senhor que somos nós que estamos forçando a operação. São quatro pessoas que esperam, e que precisam viver. O senhor quer falar com elas?" Os argumentos dos médicos convencem os parentes. Nova autorização é assinada na diretoria do hospital. Cada médico volta ao seu lugar. Começam os preparativos finais. Faltam dez minutos para a meia-noite.

ED. ABRIL



Aggeu: de sua morte nasceu a vida.

mudas: todos os seus integrantes levam no bolso do avental pequenos aparelhos receptores que recebem sinais da central de comunicações. Um bip-bip é o sinal para convocá-los.

**Morto e o coração bate** — Os médicos não acreditam mais que Aggeu Alves possa viver. Ele é levado para a sala B do Centro Cirúrgico, a sala do doador. O eletrocardiograma é ligado aos pulsos, aos pés e ao tórax: as pulsações cardíacas aparecem numa tela. O barbeiro raspa a cabeça do promotor. Nela são aplicados de dez a doze terminais do eletroencefalógrafo, aparelho que mede a atividade cerebral. O resultado são oito linhas numa tela, cada



## Da Noruega para a África e outros desastres da Petrobras

**Q**uem diria, um partido de linhagem estatista e, assim, avesso à privatização, o PT, comandou ações desastrosas na nossa mais admirada estatal, a Petrobras. É enorme o dano à empresa — na imagem, no respeito, no valor de mercado, na saúde financeira, no mercado de capitais e na capacidade de investir. São cinco pelo menos os desastres.

Primeiro, o uso da Petrobras para financiar campanhas eleitorais, mediante criminosa e sofisticada rede de captação de fundos via superfaturamento de bens e serviços à empresa. De lambuja, os operadores fizeram fortuna pessoal. O escândalo de corrupção está ligado às indicações políticas para cargos de direção.

Segundo, a mudança das regras de exploração do pré-sal. Saiu o regime de concessão, típico de países de instituições fortes como Estados Unidos, Reino Unido e Noruega. Entraram a cessão onerosa e o regime de partilha característico de países de instituições frágeis da África. No regime de concessão,



**A recuperação da confiança vai exigir mudanças ciclópicas, incluindo a restauração do regime de concessão (algo difícil para um governo que não reconhece erros). A estatal precisa deixar de ser a operadora única e de controlar pelo menos 30% dos campos**

são, confia-se nas regras do jogo e se fazem negócios como em qualquer atividade. No de partilha, desconfia-se da estabilidade das regras e prefere-se receber em óleo. Por ideologia, voluntarismo e megalomania, atribuiu-se à Petrobras o ônus de liderar a exploração do pré-sal — a totalidade no caso da cessão onerosa e pelo menos 30% no de partilha. A excessiva responsabilidade lhe impôs gigantescas obrigações e grave endividamento.

Terceiro, o controle de preços dos combustíveis, que eram vendidos no mercado interno abaixo dos custos de importação. Abandonou-se a fórmula pela qual os preços internos eram ajustados de forma transparente e previsível, com base nos seus valores no Golfo do México e na variação da

taxa de câmbio. Passaram a prevalecer a vontade e os interesses eleitorais do governo. A Petrobras amargou prejuízos de 60 bilhões de reais, o que agravou sua situação financeira.

Quarto, negócios superfaturados e sem justificativa empresarial, de que são destaques a refinaria de Pasadena e a de Abreu e Lima, cuja construção foi decidida por Lula com base em critérios políticos. Escassos de justificativa técnica e plenos de custos excessivos, tais investimentos dificilmente trarão resultados semelhantes a outros da empresa — a rigor, caberia ajustá-los à rentabilidade média, com a correspondente redução do patrimônio líquido.

Quinto, e em consequência dos demais, o valor de mercado da Petrobras caiu cerca de 80% nos últimos seis anos. Os investidores estrangeiros, que interpretam a perda como efeito da corrupção, moveram ações coletivas contra a empresa na Justiça Federal americana. Além disso, existem investigações de natureza criminal e administrativa nos Estados Unidos. Acrescente-se a humilhação de os balanços da Petrobras não terem sido auditados por auditores externos, o que pode acarretar novos problemas à frente. Serão lentas, difíceis e custosas a reconquista da confiança dos investidores e a volta do acesso aos mercados interno e internacional de capitais. Ficará mais difícil financiar os investimentos bilionários do pré-sal.

Arrasada e aviltada, a Petrobras precisa de um líder capaz, decente e de alto respeito profissional, designado sem interferência política e que possa preencher os demais cargos com gente preparada.

A recuperação da confiança de investidores e fornecedores vai exigir mudanças ciclópicas, incluindo a restauração do regime de concessão (algo difícil para um governo que não reconhece

erros). A Petrobras precisa deixar de ser a operadora única e de controlar pelo menos 30% dos campos.

Deve-se dotar a empresa de sólida governança corporativa. Os dirigentes devem ser escolhidos — no mercado ou nos quadros técnicos — com o apoio de empresas especializadas (headhunters). Indicações políticas devem ser abolidas. É necessário criar e/ou fortalecer órgãos internos típicos de companhias abertas e canal interno para denúncias.

A Petrobras é plenamente recuperável. Possui quadros técnicos qualificados e comprovada competência na criação e no uso de tecnologia de pesquisa e exploração de petróleo. A vontade política e a coragem na tomada de difíceis decisões devem prevalecer sobre a ideologia e o voluntarismo.

MAILSON DA NÓBREGA  
é economista